

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 09

I. TRÂNSITO 13

A faixa do meio	13
Os quatro piscas	14
Fazer pressão	15
Abastecer	16
Pessoal dos máximos	19
Gestão dos piscas	20
O carro da polícia	22
Ultrapassador sem noção	23
Não agradecer	24
Carros com música alta	25

II. SUPERMERCADOS 27

Pela mesma ordem	27
O saco fechado	28
O tapete das compras	30
O pagamento	32
O espaço pessoal	33
Deixar passar alguém à frente ..	35
Coisas fora do sítio	36

III. MAIS FILAS E ATENDIMENTOS 37

É só perguntar uma coisa	37
Fenómeno do pré-atendimento ..	39

IV. GASTRONOMIA E LAZER 41

Bola de Berlim	41
O melhor do mundo	42

Conceito e/ou especialização ..	45
Os notáveis	48
Dietas maiores do que a vida	49

V. TELEVISÃO 53

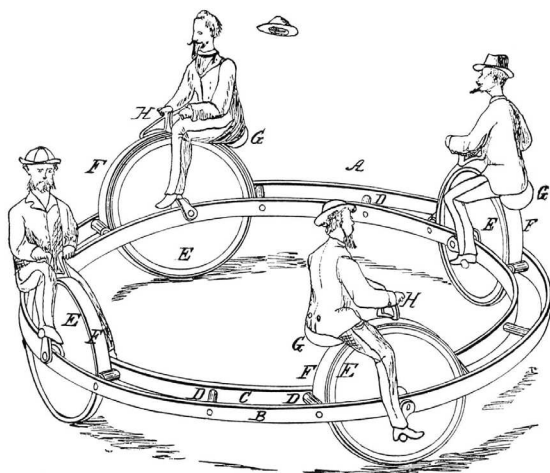
Concursos de cultura geral ...	53
Fóruns de discussão	57
Os fardados	58
Na escala de Richter	60
«Entre elas, um bebé»	61
Sotaques	63
Uma mania linguística: o «literalmente»	64
Outra mania linguística: «entre aspas»	66

VI. INTERNET 69

«Sou só eu...»	69
Pessoas melhores	70
Viajar e ficar calado	72
Correr e ficar calado	74
As limpezas	74
«Eu nem costume»	75
Publicações enigmáticas	76
Anúncios	78
Links credíveis	79
Sessões fotográficas	80
Abandonar uma conversa muito tempo depois	82

VII. TRANSEUNTES 85	O bebé deslocado 99
Andar na diagonal 86	A idade da gravidez e do bebé ... 101
Ir no meio 86	Nomes dos filhos 102
Ir contracorrente 87	
Andar lado a lado 87	IX. AVULSOS 105
Ainda o lado a lado:	O defeito nacional 105
os namorados 88	Temperaturas 106
O companheiro	Diversão + sofisticação
desconhecido 89	= barulho 108
Gajos de bicicleta 90	Palitar os dentes 110
Pessoas paradas 91	Reuniões 111
Os chapéus de chuva 91	Um país em obras 112
Mexer no telemóvel 93	Ver as obras 114
Malta da comida aos pombos .. 94	«Eles» 114
Fotógrafo a longa distância 95	Os maiores 115
	Bater palmas 116
	O botão do elevador 117
VIII. PAIS DE PEQUENAS CRIAS 97	
Os muitos direitos de quem	AS DESPEDIDAS 119
tem um bebé 97	

I. TRÂNSITO



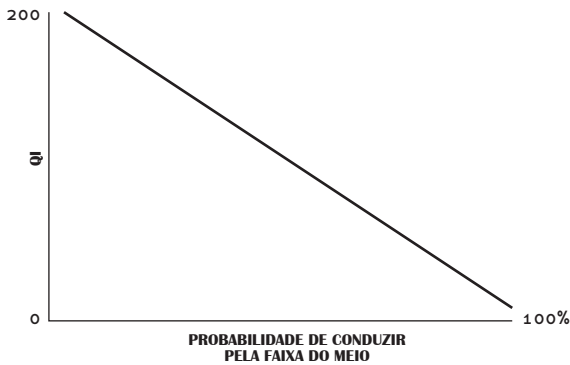
A FAIXA DO MEIO

É neste espaço que um número muito considerável de condutores decide fazer a totalidade, ou quase, do seu percurso em autoestradas. Sempre que haja três faixas, este calhau ocupa a do meio, atrapalhando o trânsito e enervando muitos automobilistas conhecedores das regras e detentores de noção. É mais confortável ir no meio, claro que sim. Vai-se mais à larga. E, além da questão da confortabilidade, reinará, entre as criaturas da faixa do meio, a ideia de que a própria lei estipula que a faixa da direita é para os camiões ou para as pessoas que vão deixar aquela estrada entretanto e a da esquerda é para os maluquinhos que vão com muita pressa para todo o lado.

Para a pessoa normal, é complicado passar por ocupantes da faixa do meio sem reagir de forma hostil. Por vezes, dará por si a ultrapassá-los pela esquerda, outras pela direita, mas o mais provável é fazê-lo sempre com agressividade, levantando mesmo um pirete na direção do condutor da faixa do meio — ou, em alternativa,

um olhar de profundo desdém pelo que aquela pessoa representa. Devo desde já sublinhar que estaremos diante de opções contra-productivas. Qualquer ato de natureza belígera levará a criatura da faixa do meio a dar graças a Deus por ir precisamente ali, na faixa do meio, e não na faixa daquele maluquinho que está a mandar vir em plena autoestrada (sim, é você). Em suma, continuará a ir na faixa do meio, mas agora mais confiante de que terá tomado a opção correta.

Esta será das imbecilidades mais democráticas, não se estabelecendo, por exemplo, nenhuma relação entre género, idade ou estrato social. De resto, estudos laboratoriais identificaram apenas um critério unificador entre todos os que tomam a opção de circular pela faixa do meio (ver gráfico).



OS QUATRO PISCAS

Por cá, estas luzes cor de laranja parecem usar-se em apenas duas situações. Numa delas, a preocupação é com a segurança e aplica-se quando, por exemplo, viajamos numa via rápida e há uma descida brusca na velocidade. Essa tetrassinalização luminosa pretende então alertar o condutor que segue atrás de nós para esse facto, e, tratando-se duma ação cuja finalidade é o resguardo, está bom de ver que é substancialmente mais rara do que a outra. Porque, bem vistas as coisas, os quatro piscas parecem ter sido inventados para deixar

o carro onde bem nos apeteça, legitimando toda e qualquer paragem, seja em trabalho, lazer ou imbecilidade simples. Na primeira realidade, o utilizador dos quatro piscas ainda se dota da autoridade moral para refilar com as pessoas a quem atrapalha a vida, porque, note-se bem, está a trabalhar, enquanto as outras pessoas que estão na estrada naquela altura são todas uma cambada de langões.

Na segunda, essa superioridade moral sofre um acentuado lenho, mas não se pense que o utilizador habitual dos quatro piscas em lazer é um adepto particular de escrupulos. Longe disso. Encara como perfeitamente natural o ato de ocupar faixas de rodagem só para poder parar mesmo em frente ao sítio aonde vai beber café ou registar o totoloto. Claro que a noção de «é só um bocadinho» variará sempre, consoante estejamos num café a beber ou na estrada, empatados atrás dum carro em segunda fila, à espera de que Jesus Cristo reencarnado passe por ali ao volante duma viatura e nos deixe passar para a outra faixa, contornando o veículo dos quatro piscas. Embora enervante, há que admirar a fé que esta gente tem nisto dos quatro sinais luminosos acionados em simultâneo: acreditarão mesmo que, sem eles, não passam duns bárbaros que abandonaram o carro no meio do caminho; mas, com luzes a piscar, já são uns gentis-homens, a quem a humanidade deve o reconhecimento numa cerimónia pública.



FAZER PRESSÃO

Outro episódio que prima pela inexplicabilidade inicia-se no momento em que estamos a ser atendidos e, a despeito de haver pelo menos uma opção livre e perfeitamente válida, uma pessoa toma a decisão de se encafiar mesmo atrás de nós. É prática costumeira em duas grandes áreas de aquisição de serviços, diante de máquinas de compra de bilhetes de transporte subterrâneo (vulgo, metropolitano) e, até com considerável grau de incidência, de portagens de acesso a autoestradas. Por que raio um ser humano decide pôr-se atrás de outro, pressionando-o com a sua presença, quando tem à sua disposição alternativas que cumprem

rigorosamente o mesmo desígnio e onde poderá despachar-se num período mais reduzido?

Veja-se o guiché onde se liquida a dívida de portagem, que tem vindo a assumir-se gradualmente como local por excelência para a prática deste desporto de imbecis.¹ E, note-se bem isto, não se está aqui a antipatizar com aquelas situações em que estamos numa via que tem um senhor (por oposição àquelas em que o pequeno convívio é com uma máquina), sendo o nosso o único postigo naquelas condições. Porque, sim, há quem escolha interagir com pessoas, preferindo-as às máquinas, seja por camaradagem operária («temos de usar os que têm pessoas, senão isto qualquer dia é só máquinas»), seja por mecanofobia simples. E, sim, também os há que mais querem as máquinas, seja porque são sociopatas de pleno direito, seja porque se sentem atormentados pela pressão que a esperadora presença humana acaba invariavelmente por criar. Não são esses casos que estão aqui em questão. A pressão injustificada é que devia constituir contraordenação muito grave, uma vez que que põe em xeque a segurança rodoviária. O condutor oprimido das duas, uma: ou enerva-se e segue viagem enervado, ou, apressado por aquela presença que podia perfeitamente estar noutra faixa, nem consegue guardar bem o troco, deixando cair moedas naquele espaço infernal entre a caixa de mudanças e o banco, passando o resto da viagem a tentar encontrar aquele dinheiro, sendo bastante provável que se distraia a ponto de provocar um desastre. E tudo porque um pateta inseguro, sem confiança para escolher uma faixa vazia («Ai, e se aquela não dá? Mais vale escolher sempre uma onde já esteja alguém...»), criou um cenário de coação.



ABASTECER

Se se estiver para aí virado, as pessoas deste país podem dividir-se em dois grandes grupos: as que pagam antes de abastecer

¹ Embora nunca se deva subestimar a capacidade humana de criar novos focos de cólera e todo o local passível de enfileirar pessoas esteja sujeito a este suplício.

o seu veículo e as que pagam depois. Num sentido lato, estas preferências poderão significar rigorosamente o mesmo, mas, vindo as coisas com olhos de ver, não será tanto assim. A pessoa que paga depois parece querer fazer disso um estilo de vida. Rege-se por uma fortíssima ideologia que assenta no «só pago depois de me servir» (tudo bem, é a raiz do capitalismo) ou no «não vou pagar antes que nem um totó» (uma variante mais infantilizada da primeira). Isto levanta dois problemas. A abrir, o facto de nem sempre estar disponível pagamento na sua versão pós-abastecimento, o que constituirá uma chatice aos olhos do faccioso do «só pago depois» e o levará a regressar à estrada num estado de revolta e fúria. Isto deveria ser suficiente para a quase totalidade da população optar pelo pagamento prévio. Não se enerva e, afinal, a coisa dá exactamente o mesmo trabalho: é sair do carro, pagar, abastecer, entrar no carro e abalar, em vez de sair do carro, abastecer, pagar, entrar no carro e abalar. Os mesmos passos, só com uma pequeníssima alteração. E, *voilà*, nunca se irrita por haver pré-pagamento naquele sítio.

Existe, no entanto, uma situação de exaspero alheio criada pelo paga-depois e que tem relação direta com a rigidez ideológica que os paga-depois vão pavoneando dia após dia. Suponhamos que um condutor comum se aproxima dum posto de abastecimento e encontra duas ou três bombas. Todas estão ocupadas com pessoas em etapas aparentemente idênticas do processo de autosserviço-abastecedor da sua viatura. O condutor comum lá escolhe uma e, dentro da serenidade possível, aguarda que o outro gajo se despache. Agora, imagine-se que, finalizado o abastecimento, essa anta ainda tem de ir pagar porque, surpresa das surpresas, trata-se dum zé-pagar-depois. Que agradável, não é? Sobretudo quando, nas outras duas hipóteses, por acaso até estavam zés-pagar-antes, que, entretanto, já seguiram caminho. Serão belos, os momentos passados à espera de que aquele palerma regresse; sendo que, para compensar, a pessoa que aguarda terá provavelmente uma visão privilegiada sobre a fila dos pagamentos onde estará o outro palonço, atrás de pessoas que querem comprar revistas, jornais, tabaco, pastilhas e sabe Deus mais o quê.

É que, caramba, faz parte da condição humana pensar que uma bomba que tem um tipo a meter gasolina ficará livre antes da bomba que tem apenas um carro parado, sem ninguém por perto. Se sofrem da síndrome TPD², arranjem maneira de alertar os demais utentes do mercado dos carburantes. Liguem os quatro piscas, deixem o capô levantado, as portas de trás abertas, não sei, qualquer coisa. Portanto, e se tiver de ser, paguem lá depois, ninguém quer saber. Mas tenham alguma compaixão pelos outros. Nós também somos seres humanos.

N.B.: Sem abandonar o cenário do posto de combustível, é importante que se aponte também o foco de luz julgadora para aquele utente que, desconhecendo de que raio de lado é a tampa do depósito da sua viatura, arrisca e escolhe uma bomba ao calhas. Muitas vezes acertará, sim, e o acesso ao reservatório de combustível estará do mesmo lado daquela pistola-mangueira. Muitas outras, porém, não estará, e essa pessoa passará a ocupar um lugar que daria muito jeito a outro utente³, alguém versado na complicada arte de saber em que costado do carro está a porcaria da tampa e que pretende estabelecer uma ordem de coerência entre esse lado e o lado da bomba, mas que se vê obrigado a ir pregar para outra freguesia (leia-se, com a pistola do lado oposto). E é assim que acontece aquela ocasional magia de ver dois idiotas a terem de abastecer com a mangueira toda retesada: um a esticá-la do lado esquerdo até ao lado direito do seu automóvel e outro a fazer exatamente o oposto. Para quem vê aquilo de fora, é o que parece: dois idiotas. Bastaria trocarem e tudo ficaria bem. Mas, como em quase tudo, há ali um culpado e um inocente.

2 «Ter de Pagar Depois», claro. Só veio aqui perder tempo, que estava mais do que na cara que esta sigla seria o que é.

3 Faz-se aqui o retrato daquelas conjunturas em que não existam outras opções convenientes, seja por pressa, seja pelo comedido número de bombas na gaso-lineira. Não havendo pressa, por exemplo, o utente esperará que vague o espaço pretendido. E, em princípio, há sempre pressa. Portugal está sempre com pressa, que não tê-la é ser calão.



PESSOAL DOS MÁXIMOS

Felizmente, lá vai rareando a canalha instruída pelas forças do mal para levar uma vida com os faróis dos carros nos máximos. Refiro-me, claro, àqueles que nem pareciam ter nenhuma espécie de noção do efeito de encandeamento que provocavam nos outros, limitando-se a seguir o mantra «com as luzes no máximo, vejo muito melhor». Não significa isto que as nossas estradas não registem ainda bastantes descendentes diretos desta corja. É gente que continua a preferir a condução com projeção máxima de luz, mas, e em princípio, uma vez chamados à atenção pelo coitado da outra via⁴, e a custo ou não, lá reduzem aquilo para o nível intermédio. Ter de avisar outrem para uma questão tão básica e evidente já seria fundamento para uma legítima afetação dos nervos. Mas o grande problema ergue-se quando a sede de voltar a sentir o conforto de ter tudo estupidamente iluminado à sua frente é de tal ordem, que o regresso aos máximos é executado sem que se tenha ainda passado pelo coitado da outra banda.

Isto é, o motorista que, com aparente sucesso, avisou para a outra anta baixar a cornadura de luz acaba por ver-se surpreendido por aqueles mesmos máximos, que voltam a dar de si no preciso momento em que os automóveis se cruzam. Na prática, acaba por ser vítima de ofuscação na mesma, com a predominante diferença de ser apanhado desprevenido. Uns faróis no máximo vistos à distância, e que se mantenham assim ignorando a nossa existência e sensibilidade à luz, permitem alguma adaptação. Acaba por não custar tanto. Um clarão que nos é espetado na cara quando menos esperamos tem consideravelmente mais impacto e representa uma provocação desprezível. É gente que, no fundo, não quer deixar de ter tudo sobreiluminado e que range os dentes sempre que a lei (moral e real) o obriga a mergulhar naquilo que ele entende ser a escuridão. E vingá-se assim, ligando os

4 Com sinais de luzes e o clássico «baixa os cornos», seguido de um de três apodos pejorativos carinhosamente associados ao infrator. Todos sabemos que asneiras são, não vale a pena ser desagradável.